



Intimidade artificial: explorações contextuais em produções artificiais

Artificial intimacy: contextual explorations in artificial productions

Theodoro Casalotti FARHAT* 

RESUMO: Fundamentado pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), este estudo procurou explorar capacidades (con)textuais do ChatGPT (versão 4o), um dos *chatbots* de inteligência artificial mais populares contemporaneamente. Mais especificamente, investigamos capacidades relativas ao sistema contextual de DISTÂNCIA SOCIAL, que descreve o grau de “intimidade” realizado pelo texto. Para isso, trabalhamos com dois *corpora* paralelos: em um, instruímos o ChatGPT acerca do sistema em questão e de sua realização semiótica; depois, solicitamos que parafraseasse cinco textos naturais, segundo os quatro graus de distância social descritos pelo sistema e seguindo os princípios realizacionais propostos; em outro, pedimos que os mesmos textos fossem parafraseados segundo graus de “intimidade”, “pessoalidade” e “formalidade” – termos êmicos que frequentemente dizem respeito a diferentes graus de DISTÂNCIA SOCIAL. As paráfrases artificiais foram, então, analisadas qualitativamente segundo descrições léxico-gramaticais e semântico-discursivas da LSF. Como resultado, observamos que a instrução explícita acerca dos princípios que regem a realização do sistema resulta em paráfrases com índices realizacionais mais numerosos e salientes de cada um dos graus de DISTÂNCIA SOCIAL, com implicações relevantes tanto para a investigação analítica de produções artificiais enquanto objetos sociossemióticos quanto para aplicações em diferentes áreas.

PALAVRAS-CHAVE: Distância social. Intimidade. ChatGPT. Engenharia de *prompt*.

ABSTRACT: Drawing on Systemic Functional Linguistics (SFL), this study explores the (con)textual capabilities of ChatGPT (4o), one of the most popular contemporary artificial intelligence chatbots based on large language models, in relation to the contextual system of SOCIAL DISTANCE, which describes the degree of “intimacy” realized by the text. To do so, we worked with two parallel corpora: in one, ChatGPT was instructed about the system and its semiotic realization; then, we asked it to paraphrase five natural texts according to the four degrees of social distance described by the system and following the proposed realization principles. In the other, we simply asked it to paraphrase the same texts according to degrees of “intimacy,” “personality,” and “formality” – emic terms that often refer to different degrees of SOCIAL DISTANCE. The artificial paraphrases were then qualitatively analyzed using SFL lexicogrammatical and discourse semantic descriptions. The results suggest that the explicit instruction on the principles governing the system’s realization led to paraphrases with more frequent and salient realization indices for each degree of SOCIAL DISTANCE, with relevant

* Mestrando, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
theo.cfar@gmail.com

implications both for the analytical investigation of artificial productions as sociosemiotic objects and for applications in different areas.

KEYWORDS: Social distance. Intimacy. ChatGPT. Prompt engineering.

Artigo recebido em: 12.07.2024

Artigo aprovado em: 18.11.2024

1 Introdução

Os últimos anos testemunharam a crescente relevância de instrumentos que, baseados em grandes modelos de linguagem, possibilitam que o público leigo em inteligência artificial utilize algumas de suas capacidades mais avançadas. Esses modelos, fundamentados em conjuntos de bilhões de textos, “aprendem” padrões probabilísticos (morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos etc.) e, com isso, permitem a geração de enunciados que respondem a *prompts* (comandos) oferecidos pelo usuário, conformando-se aos padrões sobre os quais o modelo se assenta.¹ Em outras palavras, trata-se de instrumentos fundamentalmente logogenéticos (Halliday; Matthiessen, 1999), lidando com a dinâmica da construção textual de significados ao longo de um (con)texto.

Nesse quadro geral, os estudos do texto e do discurso enfrentam um objeto ao mesmo tempo inédito e ordinário: por um lado, nunca os analistas tiveram diante de si textos tão complexos gerados por não humanos; por outro, pela natureza dos modelos geradores, tais textos tendem a seguir padrões que há décadas são justamente o objeto de estudo dos cientistas da linguagem. Há, portanto, uma “aventura ao conhecido”. O enfrentamento desses objetos torna-se ainda mais premente quando contemplamos suas possíveis consequências em áreas de aplicação também caras às ciências da linguagem – o ensino de línguas, a tradução, a revisão etc.

¹ A ideia de que grandes modelos de linguagem “aprendem” padrões e, portanto, “detêm” algum tipo de “conhecimento” pode ser criticada, já que leva a uma antropomorfização de entidades que operam de modos muito distintos dos seres humanos. Não dispomos de espaço, aqui, para discutir tais problemáticas; para discussão, ver Salles, Evers e Farisco (2020).

Nesse sentido, fundamentado pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), este estudo busca explorar a capacidade de um dos *chatbots* de inteligência artificial mais populares contemporaneamente – o ChatGPT (versão 4o), da OpenAI – a respeito do sistema contextual de DISTÂNCIA SOCIAL, que mede o grau de “intimidade” realizado por um texto. Nosso objetivo é verificar sua capacidade de reagir aos princípios de realização que regem as relações entre as opções do sistema contextual em questão e sua materialização semiótica.

Para isso, trabalhamos com dois *corpora* paralelos: em um, instruímos o ChatGPT acerca do sistema em questão e de sua realização semiótica; depois, solicitamos que parafrazeasse cinco textos naturais, segundo os quatro graus de DISTÂNCIA SOCIAL descritos pelo sistema e seguindo os princípios realizacionais propostos (ver seção 2); em outro, pedimos que os mesmos textos fossem parafrazeados segundo graus de “intimidade”, “pessoalidade” e “formalidade” – termos êmicos que frequentemente dizem respeito a graus de DISTÂNCIA SOCIAL. As paráfrases foram, então, analisadas segundo descrições léxico-gramaticais e semântico-discursivas da LSF. Com isso, esperamos não só chegar a uma descrição do funcionamento de instrumentos como o ChatGPT em termos sociossemióticos, mas sobretudo apontar caminhos de como profissionais da linguagem (pesquisadores, tradutores, professores etc.) podem trabalhar com tais modelos.

O artigo está estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar, apresentamos os fundamentos da LSF e, em particular, da descrição paradigmática e realizacional do sistema de DISTÂNCIA SOCIAL; na seção 3, discutimos os procedimentos metodológicos que fundamentaram a pesquisa; nas seções 4 e 5, apresentamos os resultados obtidos e lançamos interpretações e implicações para os padrões verificados; por fim, nas considerações finais, discorremos sobre oportunidades para pesquisas futuras na direção deste estudo.

2 Fundamentos: Linguística Sistêmico-Funcional e o sistema de distância social

A “arquitetura” da LSF é organizada por três dimensões semióticas globais (Matthiessen; Teruya, 2024; Halliday; Matthiessen, 2014): estratificação, metafunção e instanciação.

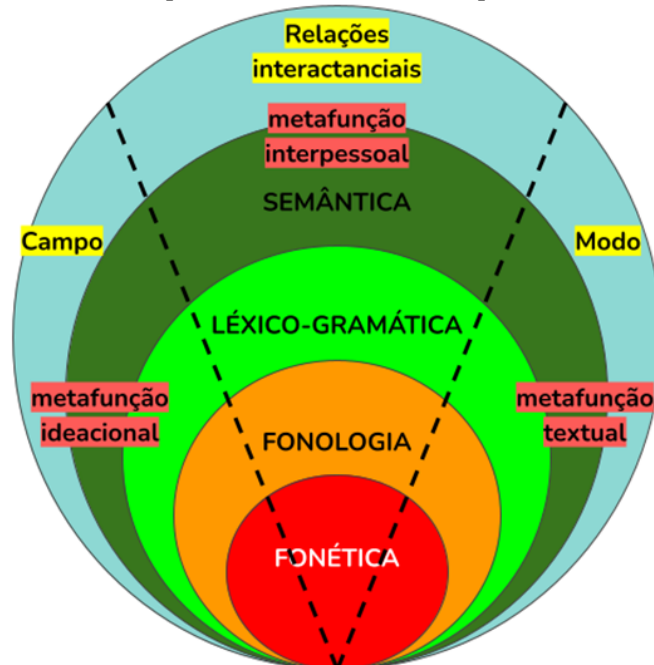
Estratificação: hierarquia de estratos em crescente abstração simbólica, o que possibilita a análise de dado objeto linguístico (1) como expressão fonético-fonológica ou gráfica (plano de expressão); (2) como estrutura léxico-gramatical especificável em termos de morfemas, palavras, grupos/sintagmas e orações (léxico-gramática; parte do plano de conteúdo); (3) como significados “acima da oração”, seja porque compõem estruturas não restritas ao domínio oracional, seja porque podem ser realizados de diferentes formas pela léxico-gramática (semântica; parte do plano de conteúdo); (4) como elemento contextual descrito em termos de variáveis culturais semioticamente relevantes, de modo a dar conta da heterogeneidade não caótica das produções semióticas de uma dada cultura (plano de contexto). Os estratos são descritos por redes sistêmicas – sistemas de opções que se associam, entre os estratos, por meio da relação de **realização**: por exemplo, em português brasileiro, a seleção semântica “pergunta” realiza tipicamente um contexto de desigualdade de conhecimentos entre produtor e receptor e é realizada, tipicamente, por meio de uma oração interrogativa (elemento léxico-gramatical) – que, por sua vez, pode ser realizada fonologicamente por meio de uma entoação ascendente.

Metafunção: espectro composto por três funções que, por sua alta generalidade, operam na organização do próprio sistema linguístico, aglutinando diferentes redes sistêmicas funcionalmente motivadas – (1) a metafunção interpessoal, que reúne os recursos linguísticos destinados à negociação de informações e ações, à avaliação de objetos de discurso e ao (não) comprometimento com proposições e propostas; (2) a metafunção ideacional, que lida com a construção de experiências tanto em termos da categorização do mundo (seja ele real ou imaginário, sensível ou abstrato, etc.) quanto da articulação de experiências em estruturas potencialmente recursivas; e (3) a

metafunção textual, que se volta à construção de textura, isto é, aos elementos informacionais e coesivos que permitem a percepção de um texto como um “todo significativo”.

A Figura 1 representa a hierarquia de estratificação e o espectro metafuncional:

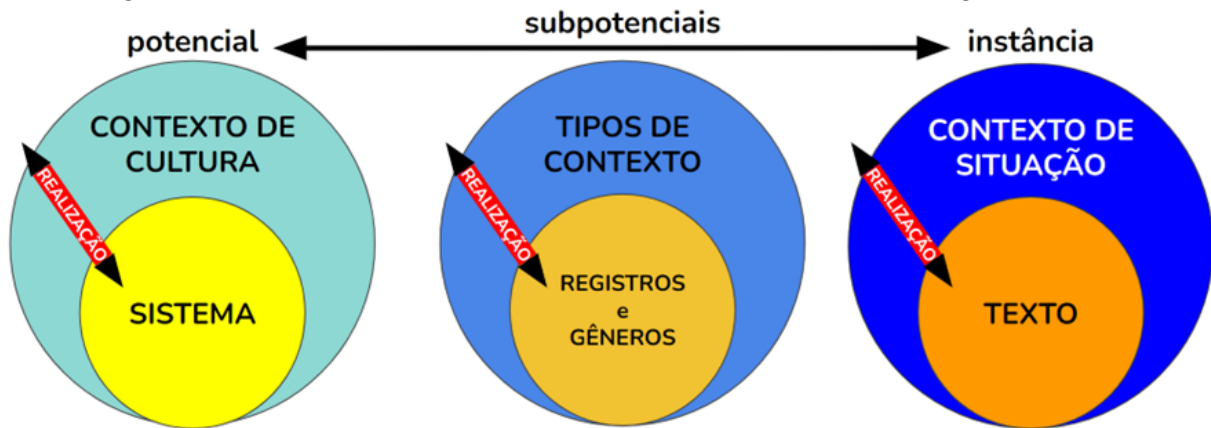
Figura 1 – A hierarquia de estratificação e o espectro metafuncional.



Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 26).

Instanciação: uma escala de generalidade sociosemiótica, englobando, (1) em um nível de especificidade máxima, textos que realizam contextos de situação, instâncias concretas e únicas (“o que *é*”); (2) em um nível de alta generalidade, o potencial de significação (que realiza um contexto de cultura), representando os padrões mais gerais da linguagem (o “o que **pode ser**”); e (3) em um nível intermediário, os subpotenciais de significação (“registros”, “gêneros discursivos”, etc.), que dizem respeito a padrões de linguagem que realizam configurações contextuais típicas (“o que **costuma ser**”). Há uma relação de interdependência entre o polo do potencial e o polo da instância: o que “pode ser” depende do que de fato “é” para sua materialização; o que de fato “é” só existe em função do que “pode ser”; e essa relação é mediada pelos subpotenciais. Ver Figura 2:

Figura 2 – A escala de instanciação e a realização em diferentes níveis de generalidade.



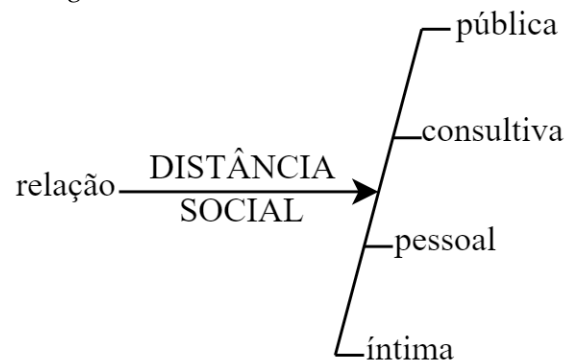
Fonte: elaborada pelo autor.

Com base nesse quadro, podemos especificar o objetivo deste estudo: avaliaremos a geração de textos pelo ChatGPT em termos da reprodução de padrões que caracterizam a instanciação de textos realizando contextos de situação com diferentes seleções do sistema de DISTÂNCIA SOCIAL. Mais especificamente, tal sistema forma parte das **relações interactanciais** (em inglês, *tenor*), parâmetros contextual emergente da interseção entre o plano contextual e a metafunção interpessoal, descrevendo os papéis e as relações encenados semioticamente entre os interactantes – incluindo “poder”, “proximidade”, “conflito/cooperação”, entre outros elementos (Hasan, 2020; Farhat, 2025)².

O sistema de DISTÂNCIA SOCIAL está representado na Figura 3.

² Os outros parâmetros são: o campo, que, associado à metafunção ideacional, descreve as atividades sociosemióticas construídas e/ou facilitadas pela linguagem (Matthiessen, 2015; Hasan, 1999, Farhat; Gonçalves-Segundo, 2024); e o modo, que, atrelado à metafunção textual, descreve as possibilidades de contato semiótico entre os interactantes, como a distinção entre linguagem oral e escrita, a oposição entre práticas “monológicas” e “dialogais”, o nível de publicidade ou privacidade do texto, entre outros fatores (Hasan, 2014)).

Figura 3 – O sistema de DISTÂNCIA SOCIAL.



Fonte: elaborada pelo autor.

Como indicamos, o sistema lida com o grau de “intimidade” ou “proximidade sociosemiótica” realizado pelo texto, fundamentando-se na necessidade humana de criação de vínculos interpessoais e de pertencimento a comunidades. Propomos quatro opções, todas inspiradas no trabalho seminal de Hall (1966): [pública], [consultiva], [pessoal], [íntima]³. As opções são dispostas ao longo de um contínuo, de modo que opções intermediárias são plausíveis.

A natureza contínua se reproduz nos princípios realizacionais de Proliferação e Contração, propostos inicialmente por Poynton (1989[1985]) e aqui reinterpretados da seguinte forma:

- **Proliferação:** a variabilidade das experiências e dos valores realizados é inversamente proporcional à DISTÂNCIA SOCIAL. Quanto mais [íntima] a distância, mais variados são os valores e experiências realizáveis; quanto mais [pública], menos variados são.
- **Contração:** a explicitação das experiências e dos valores é proporcional à DISTÂNCIA SOCIAL. Quanto mais [íntima] a distância, menos explícitos são os valores e experiências realizados; quanto mais [pública], mais explícitos são.

Trata-se de princípios muito amplos, dizendo respeito a potencialmente todos os sistemas experienciais e avaliativos. Damos particular atenção, porém, às opções de AVALIATIVIDADE (Martin; White, 2005), dada a sua predisposição à negociação

³ Os colchetes indicam que os termos são opções sistêmicas (Hasan, 2014).

relacional. Em geral, quanto mais [íntima] a relação, mais explicitamente atitudinal poderá ser a interação. Já em termos de engajamento, quanto mais [pública] a relação, mais expansivos tenderão a ser os movimentos avaliativos. Em outras palavras, enquanto a intimidade seria caracterizada por uma atitudinalidade explícita e muitas vezes monoglóssica ou contrativa, o distanciamento passaria justamente pela minimização de atitudes e pela abertura expansiva a posicionamentos distintos, dada a imprevisibilidade da interação com interactantes cujos valores e posições são desconhecidos.

A realização da DISTÂNCIA SOCIAL pode se dar também por meios metafóricos – isto é, por realizações “incongruentes” (ver Halliday; Matthiessen, 2014, cap. 10) – a partir de estratégias de **experencialização**: o recurso a significados ideacionais para construir opções das relações interactanciais como experiências, o que também possibilita o uso de modificadores e a participação dessas relações experencializadas em cadeias coesivas. No sistema em questão, esse fenômeno inclui o uso de formas nominais que categorizam relações (“Somos **amigos**”, “Somos **noivos**”, “Você é a minha *BFF* [*best friend forever*]”) e distâncias (“Somos **próximos**”, “Você está **distante** ultimamente”), processos (“Eu me **distanciei** de você”, “Não te **vejo** há anos”), determinantes possessivos (“**Meu** amigo”, “**Minha** mãe”, “**Seu** idiota”), entre diversas outras possibilidades a serem investigadas.

Por fim, um elemento crucial na descrição da DISTÂNCIA SOCIAL é seu comportamento probabilístico em relação às identidades dos interactantes. Trata-se de uma manifestação contextual do princípio de **homofilia** (“os semelhantes se atraem”), que rege as relações humanas como um todo (cf. McPherson; Smith-Lovin; Cook, 2001):

- Quanto mais coincidentes forem os papéis (sociais e institucionais) assumidos pelos interactantes, mais [íntima] tenderá a ser a DISTÂNCIA SOCIAL entre o produtor e os receptores textuais.

A homofilia também fundamenta o princípio da Acomodação, fundamentado pela Teoria da Acomodação Comunicativa (Giles; Powesland, 1975; Giles; Ogay, 2007). Aqui, entretanto, a DISTÂNCIA SOCIAL é vista de modo mais dinâmico, com foco em possibilidades de aumento ou redução da distância ao longo da logogênese:

- **Acomodação:** a redução das diferenças nos significados e nas formas léxico-gramaticais utilizados pelos interactantes realiza redução de DISTÂNCIA SOCIAL. A aproximação semiótica é proporcional à aproximação social; o distanciamento semiótico é proporcional ao distanciamento social.

Os fundamentos da descrição sistêmica e realizacional da DISTÂNCIA SOCIAL são apresentados detalhadamente em Farhat (2025).

3 Procedimentos metodológicos

Metodologicamente, o estudo estruturou-se em cinco etapas:

(1) Coleta do *corpus* de textos naturais: nessa etapa, coletaram-se os textos que compõem o fundamento para a produção das paráfrases artificiais, seguindo alguns critérios. Em primeiro lugar, decidimos coletar textos naturais – e não, por exemplo, dar instruções ao ChatGPT para a produção desses textos iniciais – para que pudessemos ter um fundamento que de fato funcionasse como “*corpus-zero*”, isto é, um *corpus* que não corresse o risco de estar enviesado pelas próprias tendências semióticas que estamos investigando. Isso possibilitou tanto comparações entre as produções artificiais quanto entre as paráfrases e seus “textos-mãe” (isto é, os textos naturais).

Ademais, decidiu-se que, dada a natureza qualitativa da pesquisa, esses textos iniciais seriam cinco (e dariam base, portanto, para quarenta paráfrases artificiais – ver etapa seguinte). Assim, de modo a garantir alguma variabilidade em um *corpus* relativamente restrito, decidiu-se pela coleta de textos que realizassem atividades sociosemióticas distintas, seguindo a descrição topológica de Matthiessen (2015) para o parâmetro de campo. As atividades selecionadas foram as seguintes: [explorar:

argumentar] (argumentação em torno de um fenômeno de interesse público), [compartilhar: valores] (externalização de valores de modo a “calibrar” as relações interactanciais), [recomendar: promover] (tentativa de indução a dado curso de ação benéfico ao produtor), [relatar: historiar] (registro de eventos históricos) e [habilitar: instruir] (instruções direcionadas a aprimorar certa competência do destinatário).

Por fim, outra limitação relevante foi a extensão dos textos, considerando tanto as restrições de extensão impostas pela versão livre do ChatGPT (cerca de quatro mil caracteres por *prompt*) quanto a factibilidade da análise qualitativa do *corpus* como um todo – incluindo as quarenta paráfrases. Assim, os textos coletados variaram entre 59 e 244 palavras.

(2) Produção e coleta das paráfrases artificiais: coletado o “*corpus-zero*”, procedemos à produção das paráfrases artificiais que estão no âmago da pesquisa. Essas paráfrases dividem-se em dois *subcorpora*:

- Para o primeiro (doravante *corpus-A*), solicitamos que os textos fossem parafraseados segundo quatro graus de “intimidade”, “pessoalidade” e “informalidade” – termos êmicos que frequentemente dizem respeito a diferentes graus de DISTÂNCIA SOCIAL.
- Para o segundo (doravante *corpus-B*), utilizando outro usuário para evitar enviesamentos, instruímos o ChatGPT acerca do sistema em questão e de sua realização semiótica; depois, solicitamos que parafraseasse os mesmos cinco textos naturais, segundo os quatro graus de distância social descritos pelo sistema e seguindo os princípios realizacionais propostos.

Fundamentalmente, a geração das paráfrases dependeu do estabelecimento de comandos (*prompts*) distintos. Para o *corpus-A*, o comando foi simplesmente “Forneça quatro paráfrases do texto a seguir, cada uma com um nível crescente de pessoalidade/intimidade/informalidade: [texto natural]”. Para o *corpus-B*, entretanto, o procedimento foi mais complexo. Tivemos, em primeiro lugar, de estabelecer um *prompt* que explicasse, de modo relativamente simples e sucinto, os padrões que

expusemos na seção anterior. Após algumas reformulações, chegamos ao seguinte comando:

Quadro 1 – Comando explicativo sobre DISTÂNCIA SOCIAL.

Considere a seguinte explicação, fundamentada na Linguística Sistemico-Funcional, sobre o sistema contextual DISTÂNCIA SOCIAL:

O sistema de DISTÂNCIA SOCIAL lida com o grau de “intimidade” ou “proximidade sociosemiótica” realizado pelo texto. O sistema se fundamenta na necessidade humana de criação de vínculos interpessoais e de pertencimento a comunidades. Há quatro opções ao longo de um continuum, inspiradas no trabalho seminal de Hall (1966): [pública], [consultiva], [pessoal], [íntima].

A natureza contínua do sistema se traduz nos princípios realizacionais de Proliferação e Contração, propostos inicialmente por Poynton (1989[1985]) e aqui reinterpretados da seguinte forma:

- Proliferação: a variabilidade dos tópicos discutíveis é inversamente proporcional à DISTÂNCIA SOCIAL. Quanto mais [íntima] a distância, mais variados são os tópicos discutíveis; quanto mais [pública], menos variados são.
- Contração: a explicitação dos tópicos discutidos é proporcional à DISTÂNCIA SOCIAL. Quanto mais [íntima] a distância, menos explícitos são os valores e experiências realizados; quanto mais [pública], menos

Deve-se dar particular atenção, às opções do sistema semântico/interpessoal de AVALIATIVIDADE, que lida com o posicionamento avaliativo dos interactantes, dada a sua predisposição à negociação relacional. Em geral, quanto mais [íntima] a relação, mais explicitamente atitudinal poderá ser a interação. Já em termos de engajamento, quanto mais [pública] a relação, mais expansivos tenderão a ser os movimentos avaliativos: em outras palavras, serão mais abertos à possibilidade de outras perspectivas. Essas questões envolvem também elementos de polidez: tradicionalmente, a polidez é vista como proporcional à distância social, de modo que ser “polido” estaria associado à distância [pública] e à [consultiva], enquanto as distâncias [pessoal] e [íntima] “autorizariam” assumir “apolidéz” (isto é, movimentos não marcados em relação à polidez) e mesmo “impolidéz”.

A realização da DISTÂNCIA SOCIAL pode se dar também por meios metafóricos, a partir de estratégias de experiencialização, em que recursos ideacionais (“representacionais”) são utilizados para construir partes das relações interactanciais como experiências. No sistema em questão, esse fenômeno inclui o uso de substantivos e adjetivos que categorizam relações (“Somos amigos”, “Somos noivos”, “Você é a minha melhor amiga”) e distâncias (“Somos próximos”, “Você está distante ultimamente”), verbos realizando processos (“Eu me distanciei de você”, “Não te vejo há anos”), determinantes possessivos (“Meu amigo”, “Minha mãe”, “Seu idiota”), entre diversas outras possibilidades.

Um último elemento crucial na descrição da DISTÂNCIA SOCIAL é seu comportamento probabilístico em relação aos sistemas identitários. Trata-se da manifestação sistêmica mais evidente do princípio de homofilia (“os semelhantes se atraem”) que rege as relações humanas como um todo:

- Quanto mais semelhantes forem os participantes, mais [íntima] tenderá a ser a DISTÂNCIA SOCIAL entre o produtor e os receptores textuais.

A homofilia também fundamenta o princípio da Acomodação – que pode ser entendida justamente como “homofilia semiótica”, possibilitando ver a DISTÂNCIA SOCIAL modo mais dinâmico, com foco em possibilidades de aumento ou redução da distância ao longo da interação:

- Acomodação: a redução das diferenças nos significados e nas formas léxico-gramaticais utilizados pelos interactantes realiza redução de DISTÂNCIA SOCIAL. Em outras palavras, a aproximação semiótica é proporcional à aproximação social. Em contrapartida, o distanciamento semiótico é proporcional ao distanciamento social.

Fonte: elaborado pelo autor.

Tal explicação poderia ter se dado de diferentes formas – e explorar suas diferentes consequências para as paráfrases certamente seria, em si, um objeto de pesquisa relevante. Porém, essa explicação se mostrou suficiente para que, como veremos na seção 4, fossem obtidos resultados distintivos. Enfim, após esse comando explicativo, procedeu-se à geração das paráfrases, o que se deu por meio do seguinte comando:

Agora forneça quatro paráfrases do seguinte texto, cada uma realizando um grau de distância social ([íntima], [pessoal], [consultiva] e [pública]). Considere, para as paráfrases, os elementos que discutimos acerca da realização do sistema (Contração, Proliferação, experiencialização, polidez, homofilia, Acomodação): [texto natural]

O comando procurou explicitamente incitar o *chatbot* a levar em consideração os elementos de realização em questão, já que tais fatores são centrais para a investigação.

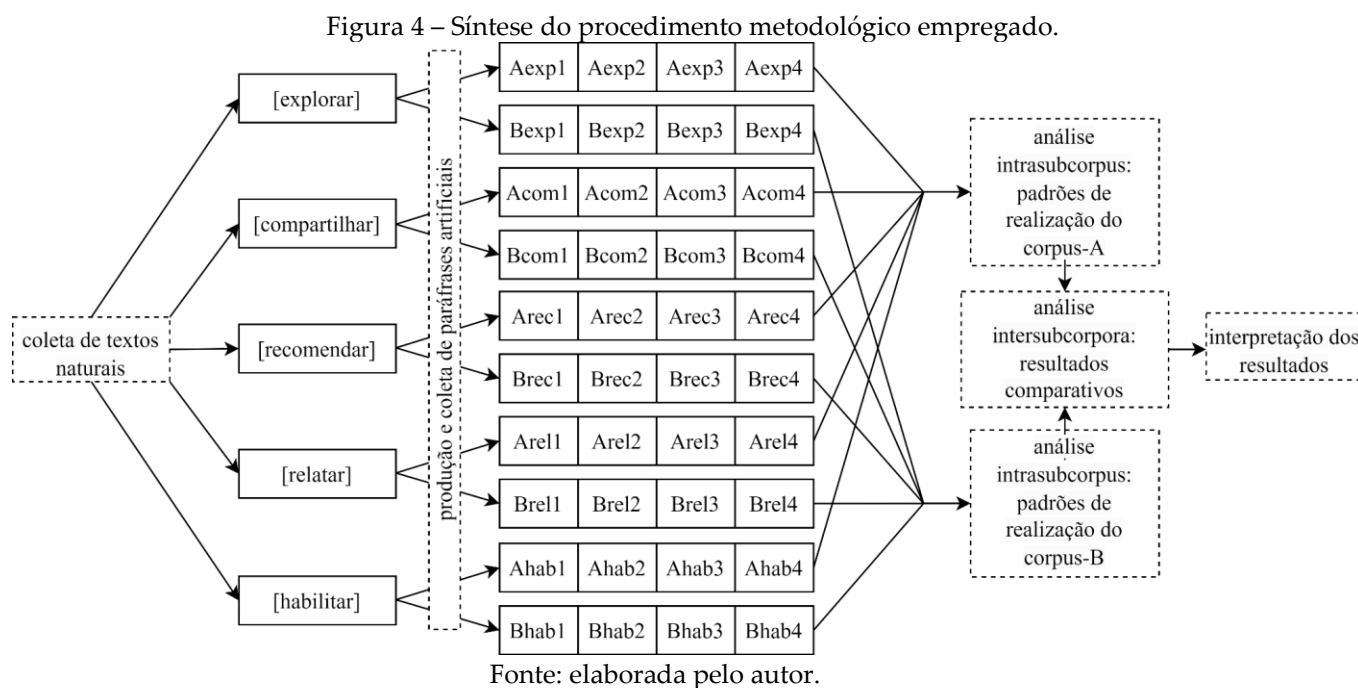
Cada texto gerado foi categorizado a partir do seguinte sistema: A/B (segundo o *corpus*), exp/com/rec/rel/hab (segundo a atividade sociosemiótica: [explorar], [compartilhar], [recomendar], [relatar], [habilitar]) e 1/2/3/4 (segundo o grau de distância social do *corpus*-B – [íntima], [pessoal], [consultiva] e [pública] – ou seu correlato “êmico”, no caso do *corpus*-A). Por exemplo, o texto Brel3 foi gerado a partir de instruções explícitas sobre o sistema (B), realiza atividade sociosemiótica de [relatar: historiar] (rel); e realiza distância social [consultiva] (3).

(3) Análise qualitativa e comparativa: geradas e transcritas as paráfrases, pudemos proceder à etapa nuclear da pesquisa, analisando qualitativa e comparativamente os textos. Para isso, utilizamos as descrições oferecidas pela Linguística Sistêmico-Funcional, especialmente as léxico-gramaticais (Halliday; Matthiessen, 2014; Figueredo, 2011) e semântico-discursivas (Martin, 1992; Martin; White, 2005). Evidentemente, as análises priorizaram elementos que podem ser interpretados como índices dos diferentes graus de DISTÂNCIA SOCIAL.

As análises foram organizadas nos seguintes passos: 1. em primeiro lugar, analisamos as paráfrases constitutivas do *corpus-A*, registrando em particular possíveis padrões de contraste entre os diferentes níveis de “pessoalidade/intimidade/informalidade” operados para cada texto do *corpus-zero*; 2. em seguida, passamos à análise do *corpus-B*, dando destaque para possíveis padrões semântico-contextuais no contraste entre diferentes realizações de DISTÂNCIA SOCIAL; 3. por fim, os padrões detectados para cada um dos *corpora* foram contrastados e, com isso, foi possível observar as consequências resultantes dos comandos distintos que geraram cada um dos *subcorpora*.

(4) Interpretação dos resultados: a última etapa da pesquisa define-se pelo lançamento de hipóteses interpretativas sobre as motivações para os resultados obtidos e pela reflexão sobre suas possíveis implicações – descritivas, metodológicas e aplicadas.

A Figura 4 sintetiza o procedimento metodológico empregado:



4 Resultados

Os resultados obtidos na etapa de análise qualitativa e comparativa são constituídos primariamente pela identificação de onze padrões que caracterizam a realização das diferentes opções de DISTÂNCIA SOCIAL em cada um dos *subcorpora*. A seguir, expomos, em primeiro lugar, seis padrões encontrados em ambos; depois, cinco padrões exclusivos ao *corpus-B* – como discutiremos, não encontramos padrões exclusivos ao *corpus-A*.

4.1 Padrões realizacionais gerais

(1) Gradação sociolexical

Uma das estratégias de realização mais explícitas, permeando todo o *corpus*, é o uso do que poderíamos chamar de “gradação lexical baseada em distância social” ou, mais simplesmente, “gradação sociolexical”: em outras palavras, o uso de itens lexicais interpretáveis como “sinônimos” experienciais, mas que sinalizam diferentes configurações relacionais, de modo que um contínuo lexical realizaria o contínuo de distância social. O Quadro 2 expõe alguns exemplos:⁴

Quadro 2 – Exemplos de gradação sociolexical.

[Ahab1] até a massa ficar firme.	[Ahab2] até a massa ficar firme.	[Ahab4] até obter uma massa firme e homogênea.
[Bhab1] até a massa ficar firme e gostosa.	[Bhab3] até a massa ficar bem firme.	[Bhab3] até formar uma massa homogênea e consistente
[Arel1] O pessoal da AMFNB	[Arel2] A galera da AMFNB	[Arel4] Os membros da AMFNB
[Brel1] A coisa toda se espalhou para o Arsenal de Marinha e alguns navios.	[Brel2] A situação se complicou e se espalhou para o Arsenal de Marinha e alguns navios.	[Brel3] a crise se estendeu ao Arsenal de Marinha e a diversos navios da Armada

⁴ Os exemplos apresentados ao longo da seção representam somente os casos mais explícitos e contrastivos de cada padrão, de modo que não necessariamente apresentaremos exemplos de cada uma das quatro paráfrases de cada subcorpus.

[Aexp1] Mas por que isso tá rolando?	[Aexp3] Mas por que isso está acontecendo?	[Aexp4] Mas por que isso está ocorrendo?
[Acom1] No começo, achei que não ia me apaixonar	[Acom2] No início, pensei que não fosse me apaixonar	[Acom4] Inicialmente, pensei que não me apaixonaria
[Bcom1] No início, achei que não ia me apaixonar	[Bcom2] No começo, pensei que não iria me apaixonar	[Bcom3] Inicialmente, acreditei que não iria me apaixonar

Fonte: elaborado pelo autor.

É possível reconhecer em ambos os *corpora* correlações entre opções lexicais experientialmente semelhantes, mas interpessoalmente contrastivas, e opções contextuais que podem ser interpretadas primariamente como elementos de DISTÂNCIA SOCIAL. Mais especificamente, podemos associar boa parte dessas alterações lexicais à ideia de que textos mais “distantes” tendem a ser mais “explícitos”, em consonância com o princípio realizacional de Contração.

Por exemplo, “crise” (Brel3) construiria uma experiência mais específica e explícita do que “coisa toda” (Brel1), cuja interpretação depende, por sua vagueza, da participação do grupo nominal em uma cadeia coesiva com elementos contextuais; há distinções semelhantes entre “pessoal” (Arel1) e “membros” ([Arel4]). Já a distinção entre “a massa ficar firme” (Ahab1 e Bhab1), “obter uma massa firme” (Ahab4) e “formar uma massa homogênea e consistente” (Bhab3) não resulta meramente de uma alteração lexical, mas da reconfiguração da estrutura de transitividade utilizada. Embora em todos os casos a massa seja construída como uma entidade que passa por uma transformação física, em “a massa ficar firme”, “a massa” realiza o papel de Ator de sua própria transformação, enquanto nos outros casos “uma massa” é algo “obtido” ou “formado” por meio do processo material a ser executado pelo próprio destinatário do texto – “[você] obter”, “[você] formar”.

Assim, nos termos de Halliday e Matthiessen (2014, seção 5.7), enquanto em Ahab1 e Bhab1 vemos o uso de orações não ergativas (“a massa” é simultaneamente Ator e Meio, sem um Agente, construindo o processo em questão como algo que ocorre sem uma causa externa a si), em Ahab4 e Bhab3 há orações ergativas (“a massa” é Meta

e Meio, enquanto os papéis de Ator e Agente são – implicitamente – atribuídos ao destinatário, que deverá causar o processo). O efeito contextual de tais elementos é, novamente, uma maior explicitação dos significados nos textos mais “distantes” (ou “formais”/“impessoais”, no *corpus-A*), em consonância com o princípio de Contração.

(2) (In)consistências léxico-gramaticais

Outro padrão realizacional encontrado tanto no *corpus-A* quanto no *corpus-B* foi o seguinte: quanto mais “próximo” o texto, mais prováveis são as “inconsistências” na realização léxico-gramatical da segunda pessoa do discurso, variando entre a segunda e a terceira pessoas léxico-gramaticais (“tu” e “você”).

Quadro 3 – Inconsistência na realização da segunda pessoa do discurso.

[Ahab1] <u>Unte</u> a forma com óleo e <u>despeja</u> metade da massa pra cobrir o fundo.	[Ahab3] <u>Unte</u> uma forma com óleo e <u>despeje</u> metade da massa até cobrir o fundo.
[Bhab1] <u>Bate</u> tudo no liquidificador até a massa ficar firme e gostosa. Se <u>quiser</u> mais consistente, <u>põe</u> um pouquinho mais de farinha.	[Bhab3] <u>Bata</u> todos os ingredientes no liquidificador [...] <u>adicione</u> uma porção extra de farinha de trigo.

Fonte: elaboração própria.

Essas inconsistências (p. ex. [você] “Unte” – [tu] “despeja”) ocorrem primariamente em orações imperativas. Trata-se da reprodução de um padrão de realização morfológica amplamente verificado no português brasileiro contemporâneo (ver, por exemplo, Scherre, 2007). Em linhas gerais, textos que usam as formas do “você” no indicativo muitas vezes empregam, no imperativo, tanto as formas do “tu” quanto as do “você”. Nos casos em análise: em Ahab1, “Unte [você] a forma com óleo e despeja [tu]”; em Bhab1, “Bate [tu]”, “Se [você] quiser”, “[você] põe”.

Assim, o modelo de linguagem que fundamenta o ChatGPT parece reproduzir tais padrões realizacionais, empregando-os como resposta aos comandos que geraram os *corpora* em análise. Uma questão interessante, porém, é que tais elementos dificilmente são apreensíveis a partir do comando que gerou o *corpus-B*, mas ainda

assim ocorreram nas paráfrases geradas. Isso pode ser interpretado como um sinal de que o *chatbot* não utilizou somente as instruções fornecidas no comando, mas também outros padrões probabilísticos interpretáveis como associados à realização da distância social.

(3) Alterações lógicas e a experiencialização do destinatário

Um terceiro padrão encontrado diz respeito à construção da articulação entre orações, especialmente em termos de *taxe* (hipotaxe ou parataxe) e das relações lógico-semânticas que caracterizam diferentes complexos oracionais (cf. Halliday; Matthiessen, 2014, cap. 7): ver Quadro 4.

Quadro 4 – Exemplos de alterações lógicas.

[Ahab1] Se quiser a massa mais grossa, coloca mais farinha.	[Ahab2] Quer a massa mais consistente? Coloque mais farinha de trigo.	[Ahab4] Para uma consistência mais espessa, adicione mais uma porção de farinha de trigo.
[Bhab1] Se quiser mais consistente, põe um pouquinho mais de farinha.	[Bhab3] Para uma massa mais consistente, adicione uma porção extra de farinha de trigo.	[Bhab4] Caso se deseje uma massa mais firme, pode-se adicionar mais farinha de trigo.
[Arec1] se você é universitário e quer participar do Energy Summit	[Arec2] universitários que quiserem participar do Energy Summit	[Arec3] universitários interessados em participar do Energy Summit
[Brec1] se você quiser participar do Energy Summit	[Brec2] os universitários interessados em participar do Energy Summit	[Brec3] aqueles que desejarem participar do Energy Summit

Fonte: elaborado pelo autor.

Poderíamos interpretar tais padrões como o uso de uma “gradação lógica”, mas suas relações com as diferentes opções de distância social são bem menos explícitas do que as vistas na gradação sociolexical. Nos casos do *subcorpus* Ahab, passa-se do uso de uma intensificação condicional hipotática (Ahab1) ao uso de duas orações justapostas (Ahab2) – isto é, não articuladas por hipotaxe ou parataxe – e, por fim, a uma intensificação de causa-motivo também hipotática (Ahab4) (cf. Gonçalves-Segundo; Farhat, *no prelo*). Em Bhab, entretanto, começando como Ahab1, passa-se ao

padrão de Ahab4 e, por fim, retorna-se ao padrão de Ahab1. Já nas paráfrases de [recomendar], há alternância entre o uso de intensificação condicional hipotática (Arec1 e Brec1), orações encaixadas com função de modificador (Arec2 e Brec3) e modificadores não oracionais (Arec3 e Brec2).

Em todos esses casos, parece-nos que o que está em jogo é que diferentes seleções oracionais (ou de grupo nominal, no caso de Arec3 e Brec2) possibilitam diferentes graus de experiencialização do destinatário. Essa explicitação de um “você” pode ser uma estratégia de redução da distância social: aquele a quem o texto se dirige é experiencialmente construído como parte do texto. Assim, em “Se quiser a massa”, o Sujeito-destinatário é explicitado pela desinência número-pessoal do grupo verbal, enquanto a construção causal (“Para uma massa”, etc.) permite um apagamento desses elementos. Transformações análogas ocorreram nas paráfrases dos textos de [recomendação]: “se você é universitário” e “se você quiser” *versus* “universitários interessados” e “aqueles que desejarem”.

Como discutiremos na próxima seção, alguns textos do *corpus-B* aprofundaram tal processo por meio da variabilidade de estruturas vocativas. De modo global, entretanto, os exemplos expostos no Quadro 4 evidenciam que, no caso do *corpus-A*, mesmo sem instruções explícitas sobre a experiencialização (ou o apagamento) do destinatário, o *chatbot* utilizou tais estratégias como sinais relevantes à realização dos correlatos êmicos da distância social.

(4) Contração e explicitação

Outro padrão verificado foi o uso de estruturas progressivamente mais explícitas, conforme o nível de DISTÂNCIA SOCIAL (ou seus correlatos êmicos): quanto mais “distante”, mais explícito. Trata-se, evidentemente, de um padrão fortemente associado ao princípio de Contração. Ver Quadro 5.

Quadro 5 – Exemplos de explicitações.

[Aexp1] No meio da maior tragédia climática da nossa história	[Aexp3] Em meio à maior tragédia climática do nosso estado	[Aexp4] Em meio à maior tragédia climática da história do nosso estado
[Bexp1] A Seduc está proibindo qualquer ação voluntária de reparação e limpeza.	[Bexp3] A Secretaria da Educação do RS (Seduc) proibiu qualquer ação voluntária de reparação e limpeza	[Bexp4] A direção informa que a Secretaria da Educação do RS (Seduc) proíbe qualquer ação voluntária de reparação e limpeza.
[Ahab1] 35min Moleza Barato	[Ahab2] Tempo: 35min Fácil Barata	[Ahab4] Tempo de preparo: 35 minutos Dificuldade: Fácil Custo: Baixo
[Bhab1] Aí é só assar a 180° C por 30 minutos.	[Bhab2] Asse em forno preaquecido a 180° C por 30 minutos.	[Bhab4] A torta deve ser assada em forno médio, preaquecido a 180° C, por 30 minutos.

Fonte: elaborado pelo autor.

Em Aexp4, há uso simultâneo dos modificadores que nas paráfrases menos “formais” eram utilizados singularmente: “da nossa história” e “do nosso estado” passam a “da história do nosso estado”. Em Bexp4, vemos não só o desenvolvimento do significado de “Seduc”, não explicitado em Bexp1, mas também a explicitação do responsável pela informação em questão por meio de uma oração projetiva (“A direção informa que”) – realizando, portanto, um movimento de expansão dialógica por atribuição (Martin; White, 2005), em consonância com a ideia de que a expansividade dialógica é proporcional à DISTÂNCIA SOCIAL. Ahab4, por sua vez, fornece elementos explicitadores (“Tempo de preparo”, “Dificuldade” e “Custo”) totalmente implícitos em Ahab1 e parcialmente explícitos em Ahab2 (“Tempo”). Por fim, Bhab4 explicita não somente o fato de que o forno deve estar preaquecido, elemento omitido por Bhab1, mas também a Meta do processo “assar” (“A torta”) e o modificador do forno (“médio”), elementos implícitos nas outras paráfrases.

(5) Proliferação atitudinal

Embora índices de tais elementos estejam mais presentes no *corpus-B*, ambos os *subcorpora* parecem seguir o princípio de Proliferação em relação à ocorrência de significados atitudinais: quanto menos “distantes” ou “formais”, mais fortemente atitudinais seriam os textos. Ver Quadro 6.

Quadro 6 – Exemplos de proliferação atitudinal.

[Arel1] a Revolta dos Marinheiros, que foi um baita confronto entre a Marinha do Brasil e a Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) [...]	[Arel3] a Revolta dos Marinheiros envolveu a Marinha do Brasil e a Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB)	[Arel4] A Revolta dos Marinheiros ocorreu entre 25 e 27 de março de 1964 no Rio de Janeiro, envolvendo a Marinha do Brasil e a Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB).
[Brel1] Eles não estavam armados e queriam mudanças, com apoio dos movimentos de esquerda. Foi um drama!	[Brel3] Desarmados, esses marinheiros exigiam reformas, apoiados por movimentos de esquerda.	[Brel4] Os membros da AMFNB, desarmados, insurgiram-se para demandar reformas na Marinha, recebendo apoio de movimentos de esquerda.
[Brec1] Não percam essa chance, vai ser demais!	[Brec2] Vamos aproveitar essa chance!	[Brec4] Convidamos todos a participar desta significativa discussão global.
[Bcom1] EU TE AMOOOO MEU AMOR ❤️ 🍷.	[Bcom2] Eu te amo muito, meu amor ❤️ 🍷.	[Bcom4] Eu te amo, meu amor ❤️ 🍷.

Fonte: elaborado pelo autor.

Os exemplos mostram desde casos muito evidentes de proliferação atitudinal, como Brel1 e Brec1, em que orações atitudinais são acrescentadas ao texto (“Foi um drama!”, “vai ser demais!”), até casos mais indiretos, em que a diferença entre as paráfrases está fundamentalmente na GRADAÇÃO da atitude em termos de [força: intensificação] (Martin; White, 2005) – isto é, em sua “maximização” –, não em sua presença: em Bcom1, isso se dá pelo uso da caixa alta; em Bcom3, pelo uso do intensificador “muito”; e, em Arel1, pelo uso de “baita confronto”, em que “baita”, ao intensificar “confronto”, dá caráter atitudinal a um item lexical que, ordinariamente,

poderia ser visto como meramente descritivo (comparem-se “foi um confronto” e “foi um baita confronto”).

(6) Metaforização ideacional

Por fim, um procedimento utilizado primariamente pelas paráfrases do *corpus-B* como estratégia de realização de diferentes distâncias, mas em alguns casos também pelo *corpus-A*, foi o uso de metáforas gramaticais ideacionais – isto é, o uso de recursos “incongruentes” na realização de dada opção semântica ideacional (Halliday; Matthiessen, 2014, cap. 10). Isso se dá primariamente pela realização de processos (tipicamente realizados por verbos) por meio de nomes – em outras palavras, por meio de nominalizações. Assim, o princípio em operação parece ser o seguinte: quanto mais “distante”, mais ideacionalmente metafórico (ou “incongruente”). Exemplos:

Quadro 6 – Metaforização ideacional.

[Brel1] O governo do João Goulart tentou <u>resolver</u> ,	[Brel2] O governo do João Goulart conseguiu <u>negociar um desfecho</u> ,	[Brel4] A <u>negociação</u> conduzida pelo governo do então presidente João Goulart
[Bcom1] você <u>apareceu</u> na minha vida quando eu menos esperava encontrar um amor	[Bcom2] você <u>entrou</u> na minha vida quando eu menos esperava encontrar um amor	[Bcom3] gostaria de expressar como sua <u>chegada</u> inesperada transformou minha vida
[Bcom1] <u>Ter você comigo</u> é a maior sorte do mundo.	[Bcom3] você representa uma imensa sorte em minha vida	[Bcom4] Sua <u>presença</u> me traz sorte
[Bexp2] O ensino remoto não <u>resolve</u>	[Bexp3] O ensino remoto não é uma <u>solução</u> adequada	[Bexp4] O ensino remoto não é uma <u>solução</u> viável
[Aexp1] O ensino remoto não <u>resolve</u>	[Aexp3] O ensino remoto não é a <u>solução</u>	[Aexp4] O ensino remoto não é a <u>solução</u>

Fonte: elaborado pelo autor.

Como evidenciam os exemplos, metáforas ideacionais permitem diversos movimentos gramaticais relevantes: posicionar o processo como Tema (p. ex. Brel4), modificá-lo (p. ex. Bexp3, Bexp4), entre outros (ver Halliday; Matthiessen, 2014, seção 10.5).

O que nos interessa, porém, é: por que a metaforização ideacional estaria associada a graus “distantes” de DISTÂNCIA SOCIAL? Uma possibilidade passa pela noção de síndrome contextual (Hasan, 2020): o conjunto de traços contextuais que caracteriza e distingue dado subpotencial. Ocorre que, como explorado por Halliday e Martin (1993), o uso de metáforas ideacionais está intimamente associado ao desenvolvimento da linguagem científica especializada – que, por sua vez, em sua pretensão de “objetividade”, também se vincula à realização de graus “distantes” (ou “impessoais”) de DISTÂNCIA SOCIAL. Como consequência, o uso de estratégias associadas à síndrome contextual do subpotencial científico especializado pode ser – de modo indireto, mas eficaz – uma estratégia para sinalizar distanciamento sociossemiótico: ser ideacionalmente metafórico gera efeitos contextuais de “especialização” que, por sua vez, estão vinculados a efeitos de “distanciamento”.

Assim, um princípio realizacional importante do sistema de DISTÂNCIA SOCIAL esteve novamente em operação, independentemente de sua explicitação prévia ao *chatbot*. Entretanto, como indicamos, tanto os procedimentos de metaforização ideacional quanto os de proliferação atitudinal foram muito mais nítidos no *corpus-B* do que no *corpus-A*. Veremos, a seguir, padrões somente detectados no *corpus-B*.

4.2 Padrões exclusivos do corpus-B

O *corpus-B*, resultado das paráfrases obtidas após instruções acerca do sistema de DISTÂNCIA SOCIAL e sua realização, apresentou cinco estratégias realizacionais que não identificamos no *corpus-A*. Tal constatação já é, em si, um sinal importante de que o *chatbot* pôde, de fato, reproduzir elementos descritivos acerca do sistema, aplicando-os à produção das paráfrases. Examinemos, portanto, tais estratégias.

(1) Reestruturação textual

A alteração mais evidente promovida pelas paráfrases do *corpus-B* está, provavelmente, na reestruturação composicional, genérica e macro/hipertemática

(Martin, 1992) dos textos: enquanto as paráfrases do *corpus-A* reproduzem as estruturas textuais dos textos naturais, as geradas no *corpus-B* frequentemente apresentam divergências. Ver Quadro 6 (trechos dos textos naturais e paráfrases do *corpus-A* são apresentadas para contraste):

Quadro 7 – Reestruturação textual.

<p>[texto natural: habilitar]</p> <p>Torta de liquidificador 35min Fácil Custo baixo</p> <p>Ingredientes (6 porções)</p> <p>1 ovo 6 colheres (sopa) de farinha de trigo 5 colheres (sopa) de queijo ralado 1 pitada de orégano [...]</p> <p>Modo de preparo</p> <p>1 Bata todos os ingredientes no liquidificador até que a massa esteja firme e encorpada. 2 Para uma massa mais consistente, acrescente mais uma porção de farinha de trigo. [...]</p>	<p>[Ahab1]</p> <p>Torta de Liquidificador Rápida 35min Moleza Barato</p> <p>Ingredientes (6 porções):</p> <p>1 ovo 6 colheres de farinha de trigo 5 colheres de queijo ralado Um pouquinho de orégano [...]</p> <p>Como fazer:</p> <p>Joga tudo no liquidificador e bate até a massa ficar firme. Se quiser a massa mais grossa, coloca mais farinha. [...]</p>	<p>[Bhab1]</p> <p>Ei, lembra daquelas tortas deliciosas que a gente faz quando quer algo rápido e gostoso? Então, essa aqui é uma das minhas preferidas! Só precisa de um ovo, seis colheres de farinha de trigo, cinco colheres de queijo ralado, uma pitadinha de orégano, [...]. Bate tudo no liquidificador até a massa ficar firme e gostosa. Se quiser mais consistente, põe um pouquinho mais de farinha. [...]</p>
--	---	--

<p>[texto natural: relatar] A Revolta dos Marinheiros foi um conflito entre as autoridades da Marinha do Brasil e a Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) de 25 a 27 de março de 1964, no Rio de Janeiro. Os integrantes da AMFNB, uma organização assistencial e sindical, não estavam armados e insubordinaram-se para exigir mudanças na Marinha, contando com o apoio mútuo de movimentos de esquerda. A Marinha sitiou-os no Sindicato dos Metalúrgicos, e a crise propagou ao Arsenal de Marinha e navios da Armada. [...]</p>	<p>[Arel1] Entre 25 e 27 de março de 1964, no Rio, rolou a Revolta dos Marinheiros, que foi um baita confronto entre a Marinha do Brasil e a Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB). O pessoal da AMFNB, que era uma galera sindical e assistencial, se rebelou sem estar armado pra exigir mudanças na Marinha, com a força dos movimentos de esquerda. A Marinha cercou os caras no Sindicato dos Metalúrgicos, e a treta se espalhou pelo Arsenal de Marinha e pelos navios da Armada. [...]</p>	<p>[Brel1] Lembra daquela história que te contei sobre os marinheiros no Rio? Então, entre 25 e 27 de março de 1964, a turma da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) se revoltou contra a Marinha. Eles não estavam armados e queriam mudanças, com apoio dos movimentos de esquerda. Foi um drama! Eles se refugiaram no Sindicato dos Metalúrgicos, e a Marinha cercou o lugar. A coisa toda se espalhou para o Arsenal de Marinha e alguns navios. [...]</p>
<p>[texto natural: recomendar] A partir de hoje, os universitários que desejarem participar do Energy Summit, um evento global que discutirá os próximos passos da transição energética e da sustentabilidade, terão 80% de desconto no ingresso Regular Pass. Participe das discussões sobre o futuro da energia e da sustentabilidade no evento, entre os dias 17 e 19 de junho, no Rio de Janeiro.</p>	<p>[Arec1] A partir de hoje, se você é universitário e quer participar do Energy Summit, um evento global sobre transição energética e sustentabilidade, você ganha 80% de desconto no ingresso Regular Pass. Venha discutir o futuro da energia e da sustentabilidade entre os dias 17 e 19 de junho, no Rio de Janeiro.</p>	<p>[Brec1] Ei, pessoal! Tenho uma notícia incrível para vocês. A partir de hoje, se você quiser participar do Energy Summit, um evento global super importante sobre transição energética e sustentabilidade, você pode conseguir um descontão de 80% no ingresso Regular Pass. Vai ser uma oportunidade incrível para discutir o futuro da energia e da sustentabilidade, e o evento vai rolar entre os dias 17 e 19 de junho, no Rio de Janeiro. Não percam essa chance, vai ser demais!</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

A reestruturação ocorre por dois movimentos complementares. No primeiro, as paráfrases do *corpus*-B de fato reestruturam a organização textual, aproveitando o material semiótico original especialmente em termos ideacionais, mas alterando sua composição textual. O caso mais evidente é o das paráfrases do texto de [habilitar]: o texto natural segue a estrutura genérica típica de uma receita gastronômica: “título,

indicando nome do prato^informações preliminares (tempo, custo, dificuldade)^uma lista de grupos nominais iniciados por quantificadores, indicando os ingredientes necessários e suas respectivas quantidades^uma sequência de ordens ('modo de preparo')". Essa estrutura é fielmente seguida por todas as paráfrases do *corpus-A*. No *corpus-B*, entretanto, há uma série de modificações: não há título ou informações preliminares; indicações explícitas, como "ingredientes", são substituídas por estruturas como "Só precisa de"; e, mais explicitamente, a composição visual do texto é fortemente modificada: em vez de listas itens de ingredientes e de instruções, há um conjunto de estruturas (grupos nominais ou orações) unidos parataticamente.

Como a estrutura textual está muitas vezes associada a diferentes configurações contextuais – isto é, não somente a configurações relacionais –, como classicamente explorado por Halliday e Hasan (1989), é possível que um dos efeitos desse procedimento seja não só uma "intimização" do texto, mas também uma diferenciação acional (isto é, de campo). Por exemplo, enquanto o texto natural de [habilitar] é um exemplo prototípico dessa atividade, as paráfrases [íntima] e [pessoal] do *corpus-B* se aproximam, em alguma medida, de textos de [compartilhar] – as alterações geram um efeito de "compartilhamento de informações úteis, mas pessoais", inscrevendo o texto na zona de indeterminação entre essas atividades.

O segundo movimento é caracterizado pelo acréscimo de estruturas de que não se encontram paralelos claros no *corpus* inicial. Por exemplo, como discutiremos, incluem-se elementos que sinalizam um histórico relacional, como "Ei, lembra daquelas tortas deliciosas que a gente faz quando quer algo rápido e gostoso?" (Bhab1), vocações com implicações relacionais, como "Galera, atenção!" (Brec2) e estruturas primariamente avaliativas, como "Não percam essa chance, vai ser demais!" (Brec1).

(2) Variabilidade de vocação

O uso de estruturas vocativas não se limita ao acréscimo em relação aos textos naturais. O *corpus*-B usa tal elemento como recurso contrastivo: diferentes distâncias associam-se a diferentes modos de vocação. Exemplos:

- Brec1: Ei, pessoal!
- Brec2: Galera, atenção!
- Brec 3: Prezados universitários,
- Brec4: [ausência de vocação]

Como explorado por Poynton (1990), o uso de diferentes formas vocativas é fortemente orientado à negociação das relações interactanciais. Em parte, podemos interpretar tal fenômeno como resultado do processo mais amplo de experiencialização – construções como “pessoal”, “galera” e “universitários” experiencializam a identidade dos destinatários e, com isso, encenam determinada configuração das relações interactanciais. Entretanto, parece que algumas dessas construções já consolidaram, por força da reiteração instancial, certas associações contextuais que independeriam de uma experiencialização nova. No uso vocativo de “pessoal” e “galera”, por exemplo, parece haver uma configuração de encenação de relações ao mesmo tempo “próximas” (íntimas ou pessoais) e genéricas, vinculando-se também a uma especificação de uma coletividade relativamente vaga para o destinatário (ver Hasan (2020) e Farhat (2025) para sistemizações dessa configuração).

(3) Sinalização de histórico relacional

Como indicamos, várias paráfrases do *corpus*-B acresceram ao texto segmentos que podem ser interpretados como sinalizações de um histórico relacional entre os interactantes – fator que Hasan (2014, 2020) considera primordial na determinação do nível de distância social. Em outras palavras, trata-se de estruturas que, ao sinalizarem a existência de um passado conjunto dos participantes, localizam o texto em uma

dinâmica de relacionamento e, com isso, realizam certo grau de DISTÂNCIA SOCIAL. Por exemplo:

- Bhab1: Ei, lembra daquelas tortas deliciosas que a gente faz quando quer algo rápido e gostoso?
- Bhab2: Você já experimentou fazer aquela torta de liquidificador que sempre sai gostosa?
- Bhab3: Apresento uma receita de torta de liquidificador que combina praticidade e baixo custo. [ausência de sinalização de histórico]

Nas paráfrases de [relatar]:

- Brel1: Lembra daquela história que te contei sobre os marinheiros no Rio?
- Brel2: Você já ouviu falar da Revolta dos Marinheiros, né?
- Brel3: Permitam-me relembrar um episódio significativo da história recente
- Brel4: [ausência de sinalização de histórico]

Essas construções sinalizam o histórico relacional: (1) por meio do uso de processos mentais do subtipo cognitivo que pressupõem experiências prévias conhecidas tanto pelo enunciador quanto pelo destinatário (“lembrar”, “relembrar” – Bhab1, Brel1, Brel3); (2) pelo uso de “já” (Bhab2, Brel2), um Adjunto de modo de temporalidade que sinaliza uma quebra de expectativa “positiva” (cf. Halliday; Matthiessen, 2014, seção 4.5.3.1), isto é, que indica que as experiências apresentadas ocorreram antes do que se poderia esperar – expectativa que depende crucialmente de um conhecimento interpessoal fundamentado em certo histórico relacional mútuo; e (3) pelo uso do Dêitico “(d)aquele/a(s)” (Bhab1; Bhab2; Brel1), que aponta exoforicamente para, novamente, a possibilidade de um conhecimento interpessoal, supondo um histórico relacional.

(4) Institucionalização atitudinal

Como indicamos na seção anterior, tanto o *corpus-B* quanto o *corpus-A* apresentaram indicações de que o princípio de Proliferação estaria em funcionamento,

especialmente em termos das atitudes realizadas: a “intimidade” seria proporcional à “atitudinalidade”. No *corpus-B*, entretanto, um fenômeno mais sutil também está em operação. Em algumas paráfrases, verifica-se um padrão de institucionalização atitudinal: quanto mais “distante” o texto, mais institucionais seriam as atitudes realizadas. Nos termos do subsistema avaliativo de ATITUDE (Martin; White, 2005), as atitudes de textos mais “distantes” escapariam ao domínio do afeto (avaliações emotivas, disposições pessoais) e partiriam para o domínio do julgamento (avaliações de seres conscientes e de seus comportamentos, institucionalizadas no domínio da ética) e da apreciação (avaliações de objetos e suas propriedades, institucionalizadas no domínio da estética). Alguns exemplos:

- Bhab1: tortas deliciosas [...] algo rápido e gostoso [...] uma delícia
- Bhab3: uma receita prática e econômica [...] uma torta saborosa e fácil de fazer
- Bhab4: torta de liquidificador que combina praticidade e baixo custo

Em “deliciosas”, “gostoso”, “delícia” (Bhab1) e “saborosa” (Bhab3), há apreciações do subtipo **reação**, que entram em indeterminação com afetos (cf. Martin; White, 2005, p. 57-58): comparem-se, por exemplo, “X é gostoso” (apreciação: reação) e “gosto de X” (afeto). Em contrapartida, em Bhab4, as avaliações “praticidade” e “baixo custo” são apreciações do subtipo **valoração** – isto é, não se avalia o objeto pela reação emocional por ele incitada, mas por suas propriedades “intrínsecas”. Crucialmente, isso afasta o texto da afetividade que ancora as paráfrases menos “distantes”.⁵

O processo de institucionalização atitudinal como estratégia de realização de DISTÂNCIA SOCIAL pode, ademais, explicar um caso que contraria o princípio mais geral de Proliferação atitudinal:

⁵ Note-se, ademais, que tais apreciações trabalham com metáforas ideacionais. Comparem-se: “combina praticidade e baixo curso” e “é prática e custa pouco” (avaliações agnatas realizadas congruentemente).

- Brel1: Então, entre 25 e 27 de março de 1964, a turma da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) se revoltou contra a Marinha.
- Brel3: um episódio significativo da história recente do Brasil, ocorrido entre 25 e 27 de março de 1964, no Rio de Janeiro
- Brel4: Entre os dias 25 e 27 de março de 1964, no Rio de Janeiro, ocorreu um importante conflito conhecido como a Revolta dos Marinheiros.

Ao contrário do que dita a Proliferação atitudinal, nos trechos acima, a atitudinalidade aumenta proporcionalmente à distância: enquanto em Brel1 não há atitudes inscritas, em Brel3 e Brel4 há “episódio **significativo**” e “**importante** conflito”. A ocorrência inesperada de tais atitudes pode ser explicada pelo fato que se trata, como em Bhab4, de casos de apreciação valorativa – que, como escrevem Martin e White (2005, p. 57, tradução nossa), “é especialmente sensível ao campo, já que o valor das coisas depende tanto do nosso foco institucional”. Em síntese, aqui a avaliação age justamente no processo de destacamento do texto de uma personalidade afetiva e “próxima”, inscrevendo-o em um regime avaliativo institucionalizado e, correlatamente, “distanciado” – no caso, o do relato histórico.

(5) Metaforização interpessoal

Por fim, nos textos de [recomendar] e [habilitar], enquanto as paráfrases do *corpus-A* mantêm a realização congruente de ordens – isto é, utilizam o modo imperativo –, as paráfrases do *corpus-B* utilizam realizações metafóricas, como orações declarativas modalizadas, segundo o grau de DISTÂNCIA SOCIAL. Em síntese, o princípio aqui é: quanto mais “distante”, mais metafórica é a realização das ordens. Exemplos:

Quadro 6 – Metaforização interpessoal.

[Bhab2] Asse em forno preaquecido a 180° C por 30 minutos.	[Bhab2] Asse em forno preaquecido a 180° C por 30 minutos.	[Bhab4] A torta deve ser assada em forno médio, preaquecido a 180° C, por 30 minutos.
[Brec1] Não percam essa chance, vai ser demais!	[Brec2] Vamos aproveitar essa chance!	[Brec2] Convidamos todos a participar desta significativa discussão global.

Fonte: elaborado pelo autor.

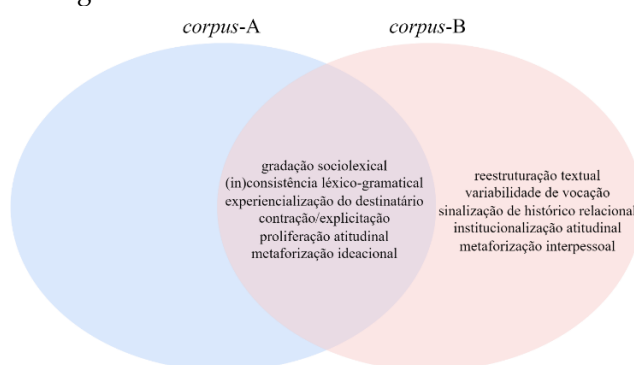
Tanto em Bhab quanto em Brec, o movimento é semelhante: passa-se de orações imperativas para orações declarativas. Um caso interessante é o de Brec2: ao utilizar um imperativo “sugestivo” (Figueredo, 2011) ou “hortativo” (Figueredo, 2021) – isto é, com o Sujeito na primeira pessoa do plural –, há indeterminação com uma realização metafórica, já que a mesma forma (“vamos”) também realiza Finito em orações indicativas (p. ex. “Vamos à praia?”). Seria, portanto, um caso propriamente intermediário, como poderíamos esperar do nível [consultivo] de DISTÂNCIA SOCIAL.

Esses elementos podem indicar que as instruções oferecidas sobre a realização do sistema, em especial sobre polidez, afetaram a geração das paráfrases. Mesmo sem detalhes específicos sobre tais processos (por exemplo, as instruções não utilizaram noções como “ato de fala indireto”), o *chatbot* gerou textos que se conformam à ideia de proporcionalidade entre polidez e distância social.

5 Interpretações e implicações

Os padrões encontrados são resumidos pela Figura 5.

Figura 5 – Padrões realizacionais encontrados.



Fonte: elaborada pelo autor.

Notou-se, porém, a ocorrência de fenômenos como a metaforização ideacional (“quanto mais distante, mais nominalizações encontradas”), a reestruturação textual e (“quanto mais íntimo, mais orientado à atividade de [compartilhar]”) a institucionalização atitudinal (“quanto mais distante, menos afetivas as avaliações”), padrões que se vinculam mais fortemente a elementos do parâmetro campo (Hasan, 1999; Matthiessen, 2015) do que às relações. Isso sugere que, mesmo com instruções especificamente associadas ao sistema de DISTÂNCIA SOCIAL, o *chatbot* opera subjacentemente com **síndromes contextuais**: conjuntos de seleções contextuais que caracterizam e distinguem subpotenciais (Hasan, 2020). Em outras palavras, o *chatbot* não só reproduziria padrões de cosseleção entre a DISTÂNCIA SOCIAL e a linguagem (p. ex. “quanto mais íntimo, mais atitudinal”), mas também entre a distância social e outros sistemas contextuais (p. ex. “quanto mais distante, mais institucional/especializado”), o que se desdobraria, por sua vez, em outros padrões de realização (p. ex. o uso de metáforas ideacionais).

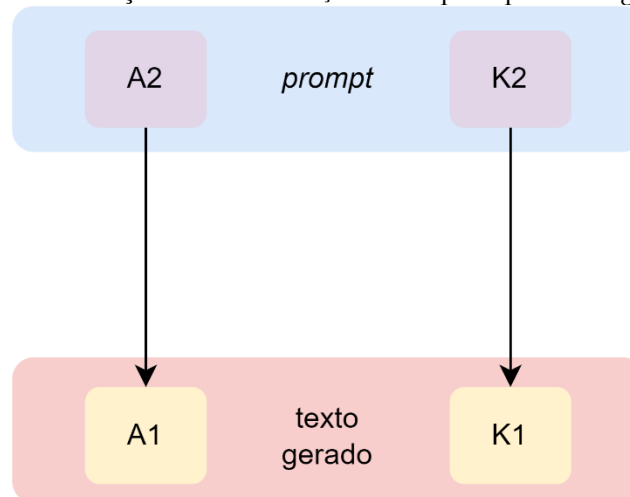
Tais dados também têm algumas implicações globais para a investigação de produções artificiais. Os resultados nos levam à ideia de que, quando o objeto de análise é um texto gerado artificialmente, deve-se levar em conta, sempre que possível, o comando que levou à produção desse texto. Embora isso possa parecer um truísmo para qualquer analista familiarizado com o funcionamento de *chatbots* como o ChatGPT, podemos cair na tentação de negligenciar o fato de que textos artificiais são quase sempre textos responsivos *stricto sensu*. A depender do comando oferecido, um dos efeitos almejados pelo texto artificial pode ser justamente um desprendimento em relação a esse comando – como se o texto gerado fosse, de fato, uma instância genuína do potencial de significação em questão. Trata-se, porém, de um efeito (de sucesso variável), não de um fato.

Em muitos casos, especialmente quando o texto artificial é recontextualizado para além das fronteiras do *chatbot*, será impossível recuperar qual o comando/*prompt* sem que se recorra à especulação (ou, no melhor dos casos, a procedimentos

etnográficos). Entretanto, parece-nos crucial tomar como princípio que o texto gerado é somente uma das partes de um texto híbrido, em que uma incitação natural (o *prompt*, de autoria humana) leva a uma ação artificial (o texto gerado), e não mera instância técnica, plenamente desumanizada.

Essa ideia, parece-nos, deve guiar as pesquisas sobre a semiose em tecnologias como o ChatGPT, e pode ser “formalizada” a partir do sistema semântico interpessoal de NEGOCIAÇÃO (Martin, 1992): o *prompt* pode ser visto como um movimento de solicitação de ação alheia (A2) ou de informação (K2), enquanto o texto artificial pode ser interpretado como a execução da ação solicitada (A1) ou como o oferecimento da informação demandada (K1). Ver a representação esquemática na Figura 6:

Figura 6 – Relações de NEGOCIAÇÃO entre *prompt* e texto gerado.



Fonte: elaborada pelo autor.

Em outros termos, a estrutura de negociação com mecanismos como o ChatGPT posiciona o usuário e a tecnologia em uma relação dúbia: por um lado, é o agente humano quem incita, quem faz-fazer; por outro, o *chatbot* é posicionado como aquele capaz de fazer e saber – mesmo que, na realidade, a máquina não seja capaz de “saber” algo de fato, o usuário recorre a ela como uma entidade “sapiente”. Desigualdades deônticas e epistêmicas entram, portanto, em jogo: quem pode saber/agir mais?

Por fim, acreditamos que os resultados obtidos podem ter implicações relevantes para diversos domínios de aplicação. Por exemplo, exercícios de

parafraseamento artificial, como os propostos neste estudo, podem ser frutiferamente empregados como estratégias didáticas de sensibilização epilinguística acerca das relações de constituição mútua entre texto e contexto, elemento basilar no ensino de linguagem enquanto prática culturalmente heterogênea.

6 Considerações finais

Fundamentado na Linguística Sistêmico-Funcional, este estudo explorou as capacidades do ChatGPT (4o) a respeito do sistema contextual de DISTÂNCIA SOCIAL. Para isso, trabalhamos com dois *subcorpora*: em um (*corpus-A*), solicitamos paráfrases de cinco textos naturais segundo quatro níveis de termos êmicos associados à DISTÂNCIA SOCIAL; em outro (*corpus-B*), instruímos o ChatGPT acerca do sistema e de sua realização; depois, solicitamos que parafraseasse os mesmos textos, segundo os quatro graus de distância pelo sistema e seguindo seus princípios realizacionais. Cada *subcorpus* foi analisado qualitativamente e os padrões realizacionais encontrados em cada um foram contrastados.

Enquanto em ambos os *subcorpora* estavam em operação seis padrões realizacionais – gradação sociol lexical, (in)consistências léxico-gramaticais, experiencialização do destinatário, contração/explicitação, proliferação atitudinal e metaforização ideacional –, outros cinco padrões foram encontrados exclusivamente nas paráfrases resultantes de instruções explícitas acerca do sistema e sua realização (*corpus-B*): reestruturação textual, variabilidade de vocação, sinalização de histórico relacional, institucionalização atitudinal e metaforização interpessoal. Discutimos brevemente, por fim, algumas implicações para a investigação de produções artificiais enquanto objetos sociossemióticos.

Este estudo foi, entretanto, somente um exercício inicial, tentando aproximar os estudos sistêmico-funcionais de objetos que, por sua novidade, podem parecer intangíveis. Muitas outras pesquisas deverão aprofundar nosso entendimento sobre o funcionamento sociossemiótico de instrumentos como o ChatGPT. Por exemplo, seria

desejável que estudos semelhantes trabalhassem com: (1) *corpora* mais extensos/variados – com mais dados, registros e gêneros; (2) diferentes sistemas contextuais; (3) línguas distintas – com implicações de grande valor aos estudos sistêmico-funcionais da tradução e do ensino de línguas adicionais.

Acreditamos que, com base em estudos sistemáticos, explícitos e empiricamente fundamentados, a LSF poderá oferecer contribuições importantes para esse momento de inovação logogenética.

Referências

FARHAT, T. C. **Uma nova descrição sistêmico-funcional das relações interactanciais**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. *No prelo*.

FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. T. Entre o falar e o fazer: AÇÃO VERBAL e AÇÃO MATERIAL como parâmetros contextuais. **Revista do GEL**, v. 20, n. 2, p. 149–177, 2024. DOI <https://doi.org/10.21165/gel.v20i2.3462>

FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FIGUEREDO, G. Interpersonal Grammar in Brazilian Portuguese. *In*: MARTIN, J. R.; QUIROZ, B.; FIGUEREDO, G. (ed.). **Interpersonal Grammar: Systemic Functional Linguistic Theory and Description**. Cambridge: CUP, 2021. p. 191-226. DOI <https://doi.org/10.1017/9781108663120.007>

GILES, H.; OGAY, T. Communication accommodation theory. *In*: WHALEY, B. B; SAMTER, W. (eds). **Explaining communication: contemporary theories and exemplars**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2007. p. 293-310.

GILES, H.; POWESLAND, P. F. **Speech style and social evaluation**. Londres: Academic Press, 1975.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; FARHAT, T. C. A intensificação hipotática. *In*: CABRAL, S. R.; FUZER, C. **Introdução a complexos oracionais em Linguística Sistêmico-Funcional**. Santa Maria: PPGL-UFSM. *No prelo*.

HALL, E. T. **The Hidden Dimension**. Nova York: Anchor Books, 1966.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-semiotic Perspective**. Londres: Oxford University Press, 1989. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203783771>

HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. **Writing Science: Literacy and Discursive Power**. Londres: Falmer, 1993.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to Functional Grammar**. 4. ed. NovaYork/London: Routledge, 2014. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203783771>

HASAN, R. Speaking with reference to context. *In*: GHADESSY, M. (ed.) **Text and Context in Functional Linguistics**. Amsterdã: John Benjamins, 1999. p. 219-328. DOI <https://doi.org/10.1075/cilt.169.11has>

HASAN, R. Towards a paradigmatic description of context: systems, metafunctions, and semantics. **Functional Linguistics**, v. 1, n. 1, p. 1-54, 2014. DOI <https://doi.org/10.1186/s40554-014-0009-y>

HASAN, R. Tenor: Rethinking interactant relations. **Language, Context and Text**, v. 2, n. 2, p. 213–333, 2020. DOI <https://doi.org/10.1075/langct.00029.has>

MARTIN, J. R. **English Text: System and Structure**. Filadélfia: John Benjamins, 1992. DOI <https://doi.org/10.1075/z.59>

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005. DOI <https://doi.org/10.1057/9780230511910>

MATTHIESSEN, C. M.I.M. Register in the round: registerial cartography. **Functional Linguistics**, v. 2, p. 1-48, 2015. DOI <https://doi.org/10.1186/s40554-015-0015-8>

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K. **Systemic Functional Linguistics: A Complete Guide**. Londres: Routledge, 2024. DOI <https://doi.org/10.4324/9781315675718>

MCPHERSON, M.; SMITH-LOVIN, L.; COOK, J. M. Birds of a feather: Homophily in social networks. **Annual Review of Sociology**, v. 27, n. 1, p. 415-444, 2001. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.27.1.415>

POYNTON, C. Names as vocatives: forms and functions. **Nottingham Linguistic Circular**, v. 13, p. 1-34, 1984.

POYNTON, C. **Language and gender: Making the difference**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

POYNTON, C. **Address and the Semiotics of Social Relations: a Systemic-Functional Account of Address Forms and Practices in Australian English**. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Sydney, Sydney, 1990.

SALLES, A.; EVERS, K.; FARISCO, M. Anthropomorphism in AI. **AJOB neuroscience**, v. 11, n. 2, p. 88-95, 2020. DOI <https://doi.org/10.1080/21507740.2020.1740350>

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.